

reveste um carácter intemporal, quase eterno; as músicas banais são fruto de um tempo histórico vivido pelo próprio autor, tão depressa nascem como morrem, e assinalam períodos específicos da vida de um homem para sempre revolutos: “Mas antes de tudo foi um instante único da história do mundo e da minha história vividos ambos como se fossem eternos e agora claramente vistos através destes acordes fáceis, carregados de toda a tristeza da terra como *inexistentes*. Pior do que isso [,] que a inexistência não pode tocar o que existe: como *existentes* mas *inalcançáveis*.” (p. 138). LÍDIA KUN RODRIGUES

**A. M. Pires Cabral**, *Le illeggibili pagine dell'acqua*, a cura di Giorgio de Marchis, Napoli, Bibliopolis, 2011.

Sexto volume de uma colecção dirigida por Mariano Bãino, diversa nas frentes lírica e geográfica, inaugurada com *Poesie scelte* de Gilbert Lely, os trinta poemas bilingues são uma excelente amostra de produção que vem de 1974, quando A. M. Pires Cabral se estreou.

*Algures a Nordeste* coligiu escritos desde 1962, licenciava-se este em Filologia Germânica, na Facul-

dade de Letras de Coimbra. A crise académica limpou-o das teias de aranha românticas e da eloquência de Junqueiro. Essa tardia edição de província é, hoje, não só rara, como sinaliza as preocupações de quem melhor deu – também na ficção, no teatro, na crónica, na monografia, em guias turísticos e na dicionarização de provincianismos – as cambiantes da vida transmontana. Não por acaso, quando a Academia de Letras de Trás-os-Montes lançou a iniciativa de celebrar o septuagésimo aniversário de António Manuel Pires Cabral (Chacim, Macedo de Cavaleiros, 13 de Agosto de 1931), a doravante fundamental antologia organizada por Isabel Alves e Hercília Agarez intitulou-se *Aqui e agora assumir o Nordeste* (Lisboa, Âncora Editora, 2011). Giorgio de Marchis, professor de literatura portuguesa e brasileira na Facoltà di Lettere e Filosofia dell' Università Roma Tre, já curador do *Fado regiano* e da edição crítico-genética de *Dispersão*, de Mário de Sá-Carneiro, privilegia esse subintitulado *Catálogo de feios, simples e humildes* (edição alemã, bilingue, Bremen, 1983). Mais: não só abre pelo germinal “Hic et Nunc”, como ilumina o leitor com uma introdução

de título-paráfrase, “Versi da Nordest” (pp. 11-16).

Sucinta nota bibliográfica deixa logo perceber o essencial da poesia, romance, conto e teatro até 2011. Releve-se o último romance, *O cónego* (2007), com tradução italiana (*Il canonico*, Roma, La Nuova Frontiera, 2009). Quanto à conjugação entre este rodapé e o conjunto, levantam-se os seguintes problemas: são citados doze títulos, até *Cobra d’água* (2011), e só não há recolha de *Os cavalos da noite* (1982): ora, se este comparece, porque não *Sabei por onde a luz* (1983) e *Desta água beberei* (1999)? Na ordem dos poemas, *As Têmporas da Cinza* (2008) deveriam vir antes de *Arado* (2009); e, neste, a quintilha das pp. 82-83 é, de facto, um dístico seguido de terceto. Mais importante: se *Artes marginais* (antologia poética, 1998) é referida em nota subsequente, não devera ser esquecido *Antes que o rio seque. Poesia reunida*, última demão autoral, para textos até 2006.

Esta segunda antologia revê a matéria desde a estreia: dos 46 poemas de 1974, suprimiu “O Homem”, mas, com interesse para a fixação textual, substituiu minúsculas iniciais pelas conformes mai-

úsculas, e regularizou a pontuação. Omitiu a dedicatória de “Os ceifeiros”, ‘A um jovem poeta’. Corrigiu “Quem lhe injuriou a música urgente?” para “Quem lhe injuriou o canto urgente?” (“A Cigarra”), aqui adoptado.

Giorgio de Marchis caracteriza muito bem “la tenace vocazione periferica” (p. 12) de A. M. Pires Cabral e a sua ligação a uma “terra postuma per eccellenza” (p. 14), mais deprimida nos anos 60, quando sangrou almas para a emigração: “Poesie su vecchi, zingari, contadini, insetti, e alberi, come se l’autore volesse cartografare in nei minimi dettagli il suo territorio, per riscattare dall’oblio la sua gente [...], abbandonata da secoli a se stessa e al suo intimo isolamento [...]” (p. 13). Nas últimas recolhas, o poeta olha aos instrumentos agrícolas, relê a paisagem, segue as aves, reflecte cada vez mais sobre a morte, em busca de luz...

Perseguindo esta, que é uma evidência no aqui convocado Alberto Caeiro, fecha o prólogo com outra diferença, mas também semelhanças: “Lontana dalla fittizia serenità di Caeiro, la poesia di Pires Cabral assume, dunque, i contorni di un drama umanissimo e dolente in cui il dolore più vivo convive

con la nitida coscienza di quanto sia ridicolo anche il proprio soffrire.” (p. 16) De um pudor avesso a coloridos, arrebrques e folclores, teimando “com mansidão”, tira o artista “memória augusta e salutar” do “campo ferido” nordestino (p. 18), como se propôs no limiar de já longo itinerário. A escrita sobre a natureza, que alguns designam por ecocrítica, encontra terreno fértil neste universo, entretanto debruçado sobre o Rio Douro.

A tradução ritma versos coloquiais, quase à letra, mimando encavalgamentos, com raras adaptações sintáticas e vocabulares, sempre felizes. A dificuldade está na estrofação breve: “Nada vereis aqui / quase: animais / de malícia pouca / contentes do seu corpo. // Quasi nulla vedrete / qui: qualche animale / di malizia poca / contento del suo corpo.” (pp. 42-43) Ou aquela rondilha maior de “São Miguel da Pena”, aldeia vazia que o autor civil apresentou, em manhã de Janeiro, ao tradutor: “Viveu gente em São Miguel, / que depois aqui morreu / e se fez sepultar nesta / encruzilhada de ventos. // Visse gente a São Miguel / che poi qui morì / e si fece seppellire / in questo incrocio di venti.” (pp. 52-53) Nada se perde, mas algo se transforma.

Em Europa e Itália de regiões, Giorgio de Marchis revela aos seus um poeta da Terra, menos líquido que sólido, de emoção sustida, que reconhecemos universal. ERNESTO RODRIGUES

**Paola D’Agostino**, *Este frio e outras histórias de amor*, trad. Miguel Serras Pereira, Lisboa, Fenda, 2011, pp. 91.

Com *Este frio e outras histórias de amor*, Paola D’Agostino chega pela segunda vez às bancas das livrarias portuguesas pela mão da editora Fenda e com tradução de Miguel Serras Pereira. O seu nome é bem conhecido do público português que se interessa por ficção narrativa, desde que em 2006 saíu a edição portuguesa de *Largo das Necessidades*. O original italiano fora publicado nesse mesmo ano em Nápoles.

Italiana nascida em Sapri, uma pequeníssima localidade do Sul da Itália, Paola D’Agostino chegou a Portugal em 2000 para ensinar italiano. Desde então, tem-se vindo a dedicar também ao ensaísmo, à tradução e à ficção narrativa.

O livro divide-se em seis partes, a mais longa das quais é a segunda, “Este frio”, que se subdivide